

---

# O AMIGO DAS LETRAS.

---

Dulcique animos novitate tenebo.

GRAD. MET. IV.

---

DOMINGO 18 DE JULHO DE 1830.

---

## A BELLEZA.

**O** mez de Maio convidou-me há pouco

A procurar dos bosques a frescura.

Quando meu peito conhecer buscava,

A' sombra descansando, fui surprezo

Dos sonhos pelo encanto doce, amavel.

De Phedon sobre o collo recostado,

No Prazer convertido vi seu mestre.

Um platano lhes dava a sua sombra,

Em quanto um rio, qu'apressado foge,

Que se escondia no intrincado bosque,

A fonte de Archelôo me lembrava,

Risonho Hisso. D'alegria cheio,

Elle cantou com magicos acordes

Universal Belleza: attento ouvia

Phedon: sua expressão tão elevada

Era, como profunda era doutrina.

A' sombra d'estes choupos os seus cantos,

( Divinos cantos , ) repetir procuro.  
 O tu , cuja amizade m'ê tão cara ,  
 Por ti com novos numeros eu buseo  
 Entoallos de novo. Quem mais digno  
 D'ouvillos do que aquella , cujo corpo  
 E' cheio d'attractivos animados  
 Por uma tão bella alma ; cuja mente ,  
 P'lo genio embellecida , em seus discursos  
 Nos apraz tanto , tanto nos deleita !

Copados bosques ! Deliciosos prados !  
 Diz Socrates : Morada encantadora  
 Da sempre infatigavel Natureza !  
 O' quanto o que m'off'reces , doce asylo ,  
 Qu' aos olhos me subtrahes d'um golpe ignobil ;  
 Prazer é para mim gostoso , amavel !  
 De fervidas paixões a mansão triste ,  
 A cidade deixemos : muito embora  
 A avareza , o pezar , o altivo orgulho  
 Domine almas vulgares ; mas entre ellas  
 Soube minha alma conservar virtude.  
 Loucos ! Mesmo de si tremem e fogem !  
 Nas entranhas da terra buseão ouro ,  
 N'ellas deixão p'ra sempre o seu repouso !  
 Em quanto eu n'estes sitios um ar puro  
 Respiro , e ignoro os seus mortaes desgostos.  
 Quando mesmo da gloria insaciavel ,  
 P'lo fantasma arrastado , eu rastejava  
 Da terra pelo pó ; quando chimeras ,  
 Brillhantes aliás , eu proseguia ;  
 Nada tanto a meu gosto era conforme  
 Como esta solidão ; sim , eu queria

Um não sei que buscar, que me faltava.

Parecia-me ouvir a convidar-me

A doce e meiga vóz da terna amada.

Um transporte gosava igual áquelle

Que gosaria se o licor de Bacho

Por mim bebido na minha alma entrára.

Quantas vezes, eu disse: Divindade,

Que te occultas a mim n'estes lugares,

Apparece, te rogo, á minha vista!

Assaz já velho p'ra abraçar o erro,

Para a verdade ainda assaz noviço,

P'los ministros sagrados illudido,

Eu o Ente invocava, que Supremo

E Incognito rege este Universo.

Meu coração lh'aprouve, pois qu' em chammas

Por elle se abrazava de ternura.

A meus votos cedeu em fim propicio:

Seus caminhos mostrou-me. Um doce Zephyro,

Dos que na Primavera em torno ás flores

Os seus perfumes sobre si recebem,

D'um proximo carvalho s'encaminha,

E á roda de mim zunio mavioso.

Subito s'esclarece a minha vista:

O' Ceos! Eu vi!... as expressões me faltão

P'ra poder exprimir os meus transportes.

Desde quando a Belleza vi, d'Aurora

Imitando o splendor, por toda a parte

Sua luz bemfaseja derramando,

Insupportavel me par'ceo de todo

O meu antigo estado: mas, agora

Eis-me a ella presente, libertado

Dos escuros nevoeiros , onde errante  
 Se perde a multidão ; onde s'embrenha  
 O povo presumçoso dos Philosophos.

De divino furor minha alma cheia ;  
 Eu passo essas alturas ; eu meus vôos  
 Da Belleza ás regiões eternas guio.  
 Mais e mais me captivão seus encantos  
 Eterna servidão a ella voto.

Vês , Phedon , esses raios , que de prata  
 As suas aguas volvem ? As cadêas ,  
 Que ligão a tua alma a teus sentidos ,  
 Desata : por mim deixa conduzir-te  
 A' fonte da Belleza : tem coragem :  
 Os prazeres terás , que tens na terra.  
 Alli um rio corre d'alegria :  
 Aqui não gosas de prazer perfeito ;  
 Lá porém , O' meu Phedon , é completo.  
 Quem frivolos desejos formar pôde  
 Da ventura na candida morada ?

Espirito ! Belleza ! Luz ! Natura !  
 Pan ! Increado Ser ! Ou qualquer outro ,  
 Que escolheste p'ra tí myst'rioso nome !  
 Motor ! Poder ! Virtude ! Tu , que vives  
 Nos seres todos ! O' e quanto és grande !  
 O' quanto és forte ! Quanto derramado  
 De diferentes modos n'Universo !  
 E eu também , eu sou da tua especie ;  
 Eu sou emanação de tua essencia :  
 Quando minha alma retomar seu vôo  
 Eu a teu seio voltarei de novo.

Mas , diante de ti o que sou eu ? (\*)  
Só por qu' um atmo sou , meu ser me agrada ,  
De tua immensidade prodigiosa.  
Pequena parte sou , mas de ti parte.

Sem cessar majestoso , e nunca velho ,  
Tu ficas inmutável , escondido  
Em formas , que perecem cada dia ,  
Cada dia outrá vez a nascer tornão.  
Ficas , o qu'eras , sempre cheio e novo.  
Agora novos entes se consomem  
Sem cessar tu destróes e produzes :  
Vivendo , e obrando sempre , tu procuras  
Que seja cada morte nova vida.  
De Flora a pompa bem depressa foge :  
Mas é seguida Flora de Pomona :  
Aquella por esta é regenerada :  
Seu leito é nupcial a sepultura.

( Continuar-se-há. )

---

(\*) Acharnos sempre muita graça aos versos, que finalizando em uma interrogação, findão em agudo, assim como aos que findão por uma reticencia. O verso parece cortado, e ficar á espera da resposta, ou do fim do discurso. Para os nimiamente escrupulosos ahí váe outro, que pôde substituir o de cima :

Porém , o que sou eu de ti diante ?

Do Traductor.



## A M O R.

( Continuação do N.º 10. Pag. 163. )

Erão estes dous Amores adorados entre os Gregos com bem notavel differença ; o *Amor-Prazer* tinha um culto publico , e parecia ter a seu cargo fazer as honras da Grecia : nas cazas das meretrizes é que se davão as grandes sociedades ; ellas atrahião as vistas de todos , adornavão os theatros , exercião nos templos o sacerdocio de Venus : os mancebos constantemente brincavão em sua companhia , e não sahião de seus braços senão para correr ás armas. Os Estadistas muitas vezes submettião a politica a seus conselhos , até os Philosephos não levavão a mal tão seductora sociedade. Tambem , um estrangeiro em Corintho ou Athenas via ao primeiro lançar de olhos reinar por toda a parte o prazer , e logo não respirava senão sensualidade. Para encontrar a felicidade , era-lhe preciso penetrar no interior das cazas e das familias , onde erão outros os costumes , onde achava outras bellezas , outro culto ; a imagem de *Venus-casta* se offerencia alli á sua vista ; uma tartaruga , collocada por *Phidias* aos pés d'aquella deosa , um só momento nao deixava de lembrar á belleza o dever , que tem de defender-se , de se conservar em seus lares , e de não prodigalisar , seus encantos a vistas indiscretas. Tudo indi ava o culto do *Amor-Sentimento*. O brilho enganador , as conversações ruidosas , os brincos deshonestos , que excitão a sensualidade , as perfidas meiguices de *Bachis*, *Lanté*, *Phri-*

né, e *Lais*, cedião o lugar ao pudor mysterioso, á ternura virtuosa, á delectavel confiança, e á habil e laboriosa actividade; alli em fim, é que as delicias de amor serão castas, modesto o desejo, constante o prazer, alli vivião em doce harmonia o dever e a felicidade.

Eu o digo bem a meu pezar, por isso que é para vergonha nossa, é mui pouco, quasi nem um, o culto, que nós hoje rendemos a este Amor puro, a esta felicidade domestica das senhoras Gregas, e das matronas Romanas. A constancia, condemnada com os antigos tempos ao esquecimento, nos parece umã chimera. Que differença entre os nossos costumes e os de nossos avós! Perguntando um estrangeiro ao Sparciata Gerondas porque é que em Lacedemonia não havia uma lei contra o adulterio. “ N’um paiz, ” respondeo Gerondas, “ em que ” semelhante crime não existe, fôra ociosa essa lei. — ” Mas em fim, se acaso alguém o commettesse que castigo teria? — Que castigo têria! Obrigar-se-hia o culpado a pagar um touro de tamanho tal, que do cume do monte Taygete podesse beber no rio Eurotas. — ” E aonde é que se havia de achar esse touro? Isso seria impossivel. — Não mais impossivel, tornou logo o Lacedemonio, do que achar um adultero em Spar’a.”

Romulo promulgou uma lei, que permittia o divorcio. Pelo espaço de duzentos e trinta annos ninguem em Roma recorreo áquella lei, e passado ainda muito tempo depois, recordavão-se os Romanos e pronunciavão com desprezo o nome de Spurio Carvillio, por ter sido o primeiro, que abrira o exemplo do divorcio. Desgraçadamente estamos muito longe de seguir esta antiga simplicidade. São raras as provas, que encontramos de firme

lealdade em amor, e dedicamo-nos mais aos risinhos objectos de nossos desejos, do que ás *Senhoras de nossos pensamentos*.

Tudo, entre nos, é artificio e fingimento; as metrices entretem ás vezes com sentimentos romanesco seus amantes enganados, os quaes, como diz o proverbio Grego, *se arruinão pescando-as com rēdes de ouro e purpura*; em quanto, por outro lado, senhoras muito respeitaveis não adorão sinceramente senão o prazer. A sensibilidade está toda na linguagem, e no coração existe a leviandade. Em fim, os ómens jurão sem pejo um amor eterno á belleza, que hoje seduzem, e querem amanhã abandonar; ella queixa-se do perjurio, mas váe bem depressa vingar se; expondo-se sem repugnancia alguma a novas perfidias.

Todavia eu faia uma injustiça ao nosso seculo, se confessando que muito e muito se affasta da idade de ouro do Amor, dissesse que de todo desapparecêrão o pudor, a delicadeza, e a verdadeira ternura: são hoje raras sim estas virtudes, mas não desconhecidas, ainda vêmos amantes fieis e esposos felizes. Para estes é que eu eserevo; a estes é que eu me dirijo; elles tem na sua alma a verdadeira riqueza, e a verdadeira felicidade.

O' vós, que sabeis amar, quanto mais pura fôr a vossa paixão, tanto maior deverá ser vosso medo de alteralla; quanto maior fôr a vossa felicidade, tanto mais deveis recear perdella: já são muitos os golpes da sorte, que vos ameação, evitai todos os que podéreis desviar; por muito perfeito que seja Amor, sempre *Um do*

arrostar com inimigos, escolhos, e perigos. Fugi do ciúme, que offende quando é injusto, e se torna inutil sendo des-tituído de fundamento: não vos entregueis tambem de todo a uma confiança cega, que ás vezes produz o tédio; a confiança cega faz com que não sejamos tão atentos no objecto querido, e mal deixamos de ser amáveis, deixamos de ser amados: forcejai sempre por agradar, como se não estivesseis certos de ser amados. Sêde sobrios na felicidade, conservai o pudor no seio do prazer; é o pudor a primeira das graças; seu véo excita a curiosidade, sua *fraca resistencia* desafia o desejo; nós queremos vêr aquillo, que se nos esconde, e temos prazer em advinhar aquillo, que não vemos; talvez fôsse o mesmo, que inventou o Amor, aquella que inventou o primeiro vestido. Assim como descu'pais tudo ao vosso amor-proprio, aprendei tambem a poupar o amor-proprio do objecto amado: a belleza, á semelhança dos deoses, nutre-se de incenso: aos meios de agradar prestai toda a variedade, que fôr compatiavel com a constancia de vossos sentimentos.

Para maior honra do *Amor-Perfeito*, quizêra eu que elle só tivesse uma setta, e que não pudesse ferir senão uma vez na vida. Devêramos esperar da bondadê do ceo que dous amantes podessem viver o mesmo numero de annos, e ambos morressem no mesmo dia. Mas, não succede assim; a morte, que fulmina seus golpe ao acaso, separa muitas vezes dous corações estreitamente unidos, e sua fatal foice rompe, corta os vinculos mais doces. A desesperaçã, quando não mata, degenera em melancolia: pouco a pouco nos váe sendo a desgraça menos pezada, a terna saudade, que nos resta, nos

acompanha como uma sombra triste e ligeira ; mas ainda assim, sentimos dentro em nós a necessidade de amar: um coração sensível não póde viver só e isolado ; *vós já amastes ; pois ainda haveis de amar.*

Entre os *primeiros amores*, que nos inflammão na mocidade, e os *ultimos amores*, que sentimos no outomno da vida, existe na realidade muita differença ! Mas d'estas duas paixões, qual será a mais forte, a mais feliz. Serão os *primeiros*, ou os *ultimos amores* ? A questão não é facil de decidir,

Os *primeiros amores* trazem consigo mais fogo, mais furor, mais delirio ; mas elles apresentam á alma um não sei que vago e indeterminado ; é mais ao Amor do que á amante, que nós consagramos o nosso affecto, adoramos n'ella a todas as mulheres ; a modo que nos não satisfaz a doce effusão da alma, parece que ambicionamos conhecer e despendêr a existencia inteira. Nós reunimos n'um só todos os prazeres ; mas, a mocidade descobre tantas flores sob seus passos, tantos gozos em volta de si, que nunca o Amor constitue o seu unico bem. O futuro a distrahe do presente ; são mil as differentes paixões, que occupão suas faculdades, e que a indenmisa-rião se ella viesse a perder a sua felicidade,

E' mais brando o fogo dos *ultimos amores* : aquecem não abração, há n'elles mais ternura do que transportes ; mas, esta ternura, sendo como é menos violenta, é talvez mais exclusiva ; não offerece tantas delicias, é verdade, mas tambem encontra menos escolhos. Seus prazeres são menos ardentes, mas são os unicos, que então

experimentamos; e tanto mais empenhados estamos em conservallos, por isso que fôra irreparavel a sua perda: e este o ultimo recurso no naufragio; não largamos mão d'elle, com receio de tambem perdermos a existencia. E assim, pôde-se dizer que estes *ultimos amores* nos prendem com mais força, posto que mais friamente. Pertencem aos *primeiros amores* as *grandes loucuras*, e as *grandes fraquezas* aos *ultimos*; uns são o complemento, os outros o resto da vida,

Eu não decido d'elles quaes merecem a preferencia; o que sei é que todo o coração sensivel deve amar sempre, que esta necessidade não pôde acabar senão com elle; e direi com o *Poeta Romano*:

Aclarar deve Amor os nossos dias,  
 No seu occaso, como fez n'aurora.  
 Todos devem amar, se não amárão,  
 Mas, se já tem amado, amar ainda.

O CONDE DE SE'GUR: *Galerie Morale  
 et Politique.*



PLATÃO E DINIZ.

Tinha Platão perto de quarenta annos de idade, quando apprehendeo a viagem da Sicilia, para vêr o monte Etna. Diniz, tyranno de Syracuse, quiz ter o gosto de fallar com elle. Forão objectos da conversação a felicidade, a justiça, e a verdadeira grandeza. Tendo

Platão sustentado que nada há tão vil, nem tão desprezível, como um príncipe injusto, disse-lhe Diniz todo irado: “Tu fallas como um louco.” — “E tu como um tyranno,” respondeo Platão. Quasi que lhe ia custando a vida esta reposta. Diniz não consentio que elle embarcasse n’uma galera, que voltava para a Grecia, senão depois de ter feito prometter ao commandante que o deitaria ao mar, ou d’elle se desfaria como de um vil escravo. Com effeito, Platão foi vendido, resgatado, e depois conduzido á sua patria. Passado algum tempo, o tyranno de Syracusa, incapaz de remorso, mas cioso da estimação dos Gregos, escreveu-lhe; e como na sua carta lhe pedisse que o poupasse em seus discursos, d’elle recebeu tão sómente esta desprezadora reposta: “Por muito pouco que eu tenha em que cuidar, nunca acho occasião para me recordar de Diniz.”

BARTHELEMY: *Vingem de Anacharsis.*



ANECDOTAS.

A economia é a fonte da independencia, e da liberdade.



*M.<sup>me</sup> Geoffrin.*

Acreditaí que existe a felicidade, ella tem a sua morada na terra; seu templo offerece a nossos votos mais portas, do que as que a celebre Thebas outr’ora contava nos dias da sua gloria.

*M.<sup>me</sup> Monnet.*

S. PAULO: NA TYPOGRAPHIA DO FAROL PAULISTANO.